



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 22 de Abril de 1978 * Ano XXXV — N.º 890 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

FESTAS

Duas cartas, entre as que apareceram na maré das do ano passado, dão o mote desta local.

«Nunca tinha assistido a nenhuma Festa dos Gaiatos. Fui hoje pela primeira vez. Fui com senhoras que sempre vão e foram agora pela segunda vez, pois já tinham ido ver a 1.º desta ano. Gostei muito, mesmo muito: festa simples mas de amor.

Creia, não sei explicar-lhe, mas comoveu-me até às lágrimas. Estou a escrever e tenho vontade de chorar. Não sei porquê, deu-me vontade de escrever, para lhe dizer estas palavras, perdoe-me.

Que Deus os ajude na continuação dessa Obra maravilhosa.»

«Amigos:

Com grande pena minha, ainda não foi este ano que consegui ir ver a vossa Festa. Assim mando-vos este cheque correspondente à importância dos bilhetes, para o que for mais necessário aí na Obra.

É possível que este ano nos vamos conhecer mais de perto, pois alugei casa em Mira mesmo ao pé da Casa do Gaiato.»

Elas exprimem a verdade das nossas Festas: uma comunhão de afectuoso interesse no valor espiritual que a Obra da Rua é — do que o espectáculo é apenas um pretexto e uma oportunidade para reflectir.

A alegria de ter estado ou a pena de ainda não ter sido desta vez — representam semelhante atitude de alma de quem já nos ama e sente a necessidade de nos amar mais e melhor. A combinação de riso e de lágrimas dizem da profundidade do sentimento. Não é o riso até às lágrimas que os cómicos produzem, nem as lágrimas provocadas por dramas que não costumamos exhibir. Mas, quem nos conhece e vê, percebe o drama que está na origem do nosso ser e a tentativa de o superar que é a nossa vida, na busca da felicidade para que todos nascemos, da qual a Fé é a grande pista e o poderoso motor.

Dá a comoção que as nossas Festas despertam, certamente desproporcionada do que se passa no palco, mas explicável pelo vínculo que une os que nele actuam e os que na plateia de modo algum são espectadores passivos.

Este ano — para a zona Norte e Centro, ano de Coimbra, porque são estes os festeiros — tardou um pouco a notícia das Festas. Pois não têm conta os recados que directamente nos chegaram, ou através dos vendedores de O GAIATO, a perguntar pela Festa: Quando é?... Então não há?...

Há, sim senhor. Os do Centro serão contemplados por inteiro como vai dito adiante, no cartaz. Dos do Norte, só o

Cont. na 4.º pág.

Calvário

Octogenário e como tantos na sua idade, já sem família alguma, sofre ligeira trombose cerebral que o não deixa mais continuar a procurar trabalho eventual nos campos da sua terra. Habita pobre e diminuto compartimento em casal agrícola, onde, por não ter recursos, se abriga gratuitamente.

O senhorio, entretanto, carecendo do aposento, despede o inquilino. E o pobre do tio José, sem jeito para contestar, nem forças para ir muito longe, avança pelo pinhal fronteiriço. Deita-se no aconchego do mato, feito de urzes e tojo e ali aguenta estoicamente as horas todas daquela noite bem longa. Pela manhã, de cajado na mão trémula, arrasta-se ao povoado para suplicar um poiso acolhedor. Mas hoje estes não se deparam com facilidade, que as portas andam todas bem fechadas. E, em passos lentos de quem muito andou, aqui vem dar pela estrada, já bem pisada dos que conhecem a derradeira porta para os sem-nim-guém.

O tio José entra e fica. A sua voz não se altera. O seu pensar não lembra mais o passado recente. Aceita como natural que assim seja o desfecho duma vida no seu termo. Ele aceita. A sociedade é que não devia tolerar, mas na verdade até o impõe quantas vezes.

Hoje ele está posto junto ao portão, a afagar as sebes do largo do cruzeiro. Olha as flores que despontam nos canteiros. Acompanha o coro das aves que saltitam nos canos ainda despídos das árvores. Ganha gosto pelo viver. Como a Natureza ele renasce.

Uma carrinha pára na sua frente. Vem trazer-lhe um companheiro de infortúnio. A caminhada deste foi mais longa. Vem da Figueira da Foz.

Forçado ao regresso da emigração africana que há anos empreendera, viu-se separado da esposa e de um filho menor que o abandonam. Em consequência de igual trombose cerebral perdeu o conhecimento de si próprio. Vivia como animal imundo no local que procurara — uma corte — e onde era consentido. O pároco, alertado e alvoroçado, solicita, junto de seis departamentos do respectivo distrito, uma simples cama para o enfermo.

Cont. na 2.º pág.

PRESENÇA

A quarta parte da Pastoral dos Bispos de Angola — «Testemunho de vida cristã» — continua o pensamento da terceira — «Resposta dos Cristãos» — apontando-lhes a verdadeira arma com que hão-de combater o bom combate: a consciência da sua dignidade de filhos de Deus e do dever de irmãos de todos os homens e a procura incessante da perfeição do amor.

«É chegada a hora de testemunhar a nossa Fé com a acção caritativa, boa, próspera, social e fraterna.» Sem esquecer, porém, que «o específico dos Apóstolos é o espiritual e sobrenatural: o anúncio da Boa-Nova da Salvação, da Aliança eterna com Deus, da vivência da graça que nos torna participantes da Natureza divina e nos introduz na própria Família de Deus, de Quem nos chamamos e somos realmente filhos».

E concretizam as atitudes que todos os seus diocesanos devem estar prontos a assumir

como afirmação de «crença convicta e vivencial na Igreja Católica»:

— «A nossa unidade de doutrina e de serviço será o sinal palpável da presença divina na Igreja» que «assim manifesta ao mundo que a verdadeira união social externa deriva da união dos espíritos e dos corações» e que «a energia que a Igreja pode insuflar na sociedade, se encontra nesta fé e nesta caridade efectivamente vividas e não se apoia numa soberania externa, exercida por meios puramente humanos».

— «Estamos em tempo de seriedade e autenticidade; hora alta e decisiva de Fé e Esperança no Senhor, Esperança fundamentada na Sua palavra: **Eu estarei convosco todos os dias até ao fim dos tempos.**»

— «Sede exemplares no cumprimento dos deveres cívicos.»

— «Enganam-se os que pretendem estabelecer divórcio entre a Fé que se professa e

Cont. na 3.º pág.



Eles e o «jeep» da nossa Casa do Gaiato de Malanje

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MÚSICAIS

— Recebemos até hoje mais duas cartinhas do seguinte teor: «Este postal é causado pela notícia que li no jornal sobre os instrumentos. Junto em vale de correio 1.000\$ para tal fim com muito prazer. Oh! Como gostaria de os ouvir!»

Esta cartinha veio de Barcelos. Não tem grandes dificuldades de ouvir-nos tocar. Nós todos, e de dois em dois anos, fazemos as nossas Festas e percorremos o Norte do País. Se quiser, é só comparecer.

Ainda uma outra de Beja: «Vão 100\$00 para uma corda dum instrumento da vossa orquestra (temos uma filha que estuda piano e sei o que a música representa para ela).»

Para nós é até bastante bom termos alguns instrumentos para que os Rapazes com esse dom possam aprender e, até, um dia, ensinarem outros que queiram tocar algum instrumento. E não são poucos!

Também nos fazem falta na medida em que as nossas Festas são sempre acompanhadas por músicos nossos amigos que, com sacrifício, vêm até nós à noite para ensaiarem. Tem mais graça se formos nós mesmos a acompanhar as Festas e a interpretá-las, não acham?

É neste propósito que nós queremos instrumentos.

Esclareço também que não pensamos de momento fazer nenhuma orquestra mas sim um conjunto com violas e bateria e até piano para que se comece a ter gosto pela música.

Um obrigado a todos.

RÁDIO RENASCENÇA — A «Liga dos Amigos da Rádio Renascença» da qual depende que ela seja, em Portugal, a grande Emissora Católica, está empenhada actualmente, numa vasta campanha para a aquisição de novos emissores, um de onda curta, outro de onda média.

Além de sermos ouvintes, é um dever cristão darmos todos as mãos no sentido de que a grande campanha resulte plenamente.

ANEDOTA — Estavam o Bernardino, P.e Moura e Vasco a conversar juntos a tipografia.

Eu vinha a sair quando o «Pélé» se dirigiu ao P.e Moura e lhe perguntou por qualquer coisa da Capela. O P.e Moura, como não percebeu, insistiu:

— O que queres?

— Os «câncres» da Capela! — diz o «Pélé».

— Os «câncres» ou os cânticos?

— Sim, pois, os «câncres»!

Este «Pélé» tem que se habituar a falar melhor e mais devagar.

Nem parece o famoso jogador!

QUADRA PASCAL — Nesta quadra são muitos os amigos que nos

mandam um postalzinho de Boa Páscoa.

Recebemos quatro bonitos postais dos alunos da Escola Preparatória da Guarda e algum dinheiro apurado por eles.

As turmas que nos escreveram sabem desenhar bastante bem, pois os postais que nos chegaram eram quase todos desenhados à mão.

Vocês estão mesmo com vontade de nos escrever. Ainda me lembro do pequeno poema que vossos colegas o ano passado mandaram.

Escrevam sempre e obrigado!

«VOZ DOS NOVOS» — Últimamente não saiu nenhum número deste nosso pequeno jornal porque não havia uma direcção e todos os jornais têm que ter uma direcção e um director.

Já foi eleita a direcção e agora estamos a preparar uma edição que é o número da Primavera, visto que não saiu na Páscoa como de costume.

Fazemos também o apelo aos nossos camaradas das outras Casas do Gaiato para que se disponham a escrever, que a «Voz dos Novos» não pode ser só da malta de Paço de Sousa.

Vamos! Um poema, uma anedota, um artigo. Não custa nada!

AGRADECIMENTOS — Queríamos agradecer ao Grupo Desportivo «Juventude da Maternidade F. C.» a roupa de treino e ginástica que nos ofereceu. Estávamos mesmo a precisar, pois a outra foi-se rasgando aos poucos e quase não havia nenhuma.

Também nos defrontaram num amigável encontro de futebol em que a sorte se processou de igual para igual: o jogo ficou empatado 1-1.

Obrigado. E venham sempre. O prazer é todo nosso!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Uma Ana lisboeta comparece com 100\$00. Uma modista do Porto com metade. Agora, muita atenção, vai falar «Uma Assinante do Seixal»:

«Seguiu a partilha do meu salário de Março: 1.300\$00.

Que Jesus Cristo nos faça compreender que as lamentações sobre o mundo andar mal não servem de nada, pois Ele nos atribuiu a construção do Reino aqui e agora, com a assistência do Espírito Santo. A falha é nossa!

Saudações fraternas.»

Que formidável autocrítica!

Mais 100\$00 de uma Vicentina de Alcobaca. Nós gostamos sempre muito destas presenças. Trabalhamos na mesma seara.

«Uma portuense qualquer», já habitual nesta coluna, manda 150\$00 «migalhinha relativa ao mês de Março. Peço ao Senhor que vos ajude cada vez mais para, assim, poderem levantar tantos Irmãos caídos e carecidos de ajuda material e espiritual.

Do Porto, mais «uma migalhita que gostaria fosse também partilhada por uma viúva, em cumprimento duma promessa». O assinante 30466, também do Porto, deixou 30\$00 no Espelho da Moda. Agora são 300\$00 da assinante 14305 comemorando o octogésimo aniversário «graças a Deus com saúde e bastante genica» e pedindo «uma Avé Maria por esta pecadora e pelos

meus entes queridos que já partiram».

Bendita juventude!

De Naugatuck, Estados Unidos da América, outra migalha que «possa aliviar ou ajudar a passar a Páscoa de alguma pessoa da Terceira Idade, que são hoje os que mais sofrem neste mundo». Requeixo, o remanescente de contas de O GAIATO. Assinante 9058, do Porto, 600\$00. A. F., também do Porto, e presença muita assídua, com 140\$00 «por alma de uma grande amiga Maria Helena». A Recoveira do Bairro da Pasteleira, cidade Invicta, com 140\$00 que «gostaria fossem dados a um velhinho». Já foram. Carvalhosa (Coimbra), 200\$00 e uma exigência cumprida: «Quero, como cristão, o absoluto anonimato».

A encerrar a coluna temos «Eu-e-Ela» com 1.000\$00:

«No desejo de cumprir o Mandamento Novo não queremos os nossos corações esquecer os nossos Irmãos pobres nesta santa Páscoa. Que Jesus Crucificado aceite a nossa humilde oferta em remissão dos nossos pecados e em sufrágio das almas dos nossos entes queridos que já foram a caminho da Eternidade».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

O casamento do nosso Américo Correia. Já havia muito tempo que se adivinhava a primavera.

Ele foi pouco a pouco construindo a sua casinha. Todos os bocados vagos ia construindo no que sabia e no que ao longo da construção foi aprendendo. Ele mais a sua Lucília.

Depois do ninho feito casou. A nossa Capela foi o lugar. Ele próprio foi preparando a que havia de ser sua esposa. Aos domingos vinham ouvir a Palavra. Depois lá iam trabalhar.

Foi para todos nós um motivo grande de festa. Toda a malta se entusiasmou, desde o mais pequeno ao mais velho.

Se a celebração foi marca decisiva para os maiores, outros sentiram essa responsabilidade, e, por isso, ao testemunhar, foi como que renovar o compromisso.

«Que o homem não se separe o que Deus uniu.»

As afirmações feitas às perguntas do representante da Igreja são promessas que cada um dos esposos tem que rever no dia a dia. Que o casamento na Igreja seja um compro-



Lucília e Américo Correia

misso de dedicação e não um luxo que mais tarde se paga caro, repercutindo-se nos filhos e na Sociedade.

O Matrimónio é um sacerdócio e por isso Deus o abençoa. Hoje mais do que nunca rareia a noção da responsabilidade do Matrimónio Cristão.

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

Mas todos se escusaram. E dado que todas as portas que se propõem assistir ao homem, quando doente, estão encerradas, para aqui o remete na esperança.

Que mundo o nosso! Que estranho fim o de tanta gente indesejada! Clamar contra? Pedir responsabilidades? Não adianta, pois que, quantos teriam de escutar a acusação se

Ele tem que ser bênção tanto nos dias de sol como nos de vendaval.

«Um do outro e os dois de Deus» é um Ideal para quem quiser formar um Lar com alicerces seguros.

Numa família como a nossa, casar um filho é sempre motivo de grande regozijo.

Desejaríamos que este passo se desse com todos os nossos, e que todos alcançassem o dom sacramental para uma caminhada de perfeição na ajuda mútua.

Que o Américo Correia mais a Lucília sejam exemplos vivos e que estendam raízes à nossa volta, para que a nossa missão seja sempre a de fazer lares à imagem do de Nazaré.

Ernesto Pinto

apresentam rectóricamente pró e em nome do homem sempre que falam, mas não geralmente quando actuam. Este comportamento social tem um nome. Registá-lo de nada serve. Serve sim fazer justiça, particularmente às vítimas inocentes, acusando deste modo e fortemente os agressores tranquilos nas suas cátedras oficiais.

Padre Baptista

AQUI LISBOA!

● Mesmo contando as clínicas particulares, poucos estabelecimentos hospitalares de Lisboa haverá onde não tenhamos entrado. Ao serviço da Obra ou antes de nela ingressarmos, como vicentinos ou simples cidadãos. Temos observado de perto este sector essencial da vida pública. Infelizmente, para mal de todos nós, o espectáculo é cada vez menos animador. Que as coisas vêm mal de longe é indubitável no sector estatal, que é este o que mais importa considerar aqui, mas podem considerar-se em degradação progressiva. Os bancos dos hospitais centrais são uma

barafunda, mesmo caos; e, não raro, se observam os espectáculos mais trágicos e patéticos. Muitas enfermarias apresentam condições higiénicas pouco recomendáveis, revelando pouco cuidado e atenção dos responsáveis; amontoado de camas, até pelos corredores, é visão corrente nos estabelecimentos hospitalares; construções ou melhoramentos projectados e começados já há anos, ou estão parados ou avançam a passo de boi; enfim, os problemas avolumam-se e não vemos com optimismo o futuro, porque as questões não se resolvem com meras palavras ou

simples despachos, por mais bem intencionadas que sejam as pessoas.

É evidente que sem recursos financeiros não é possível concretizar planos, mesmo que modestos. Lamentamos, porém, que à Defesa Nacional e à Administração Interna sejam atribuídas verbas no Orçamento Geral do Estado a rondar os 22 e os 11 milhões de contos, respectivamente, quando ao sector vastíssimo dos Assuntos Sociais se destinam apenas 23,5 milhões.

Salvaguardadas as excepções, verifica-se em geral uma desarticulação profunda entre os vários sectores e um desleixo ou um desinteresse notórios. Muita gente não cumpre horários, chegando ao serviço quando da hora de saída. Os doentes não são vistos, por vezes, com o carinho e atenção devidos e amontoam-se em muitos serviços, à espera de vez. O jogo do empurra, como sói dizer-se, é vulgar; cartazes e similares falando do Povo e dos seus direitos são corren-

tes, em plena contradição, aliás, com a prática. Só visto!

Em certos hospitais de doenças nervosas e mentais, então, o que se verifica é de, por vezes, arripiar. Nas ruas das periferias ou até longínquas, o espectáculo é quase dantesco. Há doentes que limpam os vidros dos carros nos locais dos semáforos, outros passeiam pelas ruas, ou vão até aos cafés e pastelarias, pedindo ou extravasando o que lhes vai na mente e, sabe-se lá, comendo ou bebendo talvez aquilo que, por abuso, estará na razão dos seus próprios males ou em nada contribuirá para as suas melhoras.

Mesmo entre os profissionais devotados e competentes — e há-os em todos os sectores — a descrença é comum. A desordem impera e arrasta necessariamente para situações abismais. Falando com as pessoas em linguagem terra a terra, fora de enquadramentos sofisticados ou públicos, todos concordam que a assistência hospitalar atingiu, em geral, as raíças da rotura ou, em muitos casos, de prática inoperância.

No quadrante da Previdência as coisas não correm melhor, antes pelo contrário. Sem serviços de apoio capazes, sem

quadros e sem ideal, com baixas fraudulentas, tudo parece deteriorar-se também. Mas isto ficará para outra oportunidade.

● O Tóí, nosso há 4 anos, e de que não conhecemos pais nem outro qualquer familiar, há muito que nos pedia para o deixarmos fazer anos. Motivo? O receber os mimos destinados aos aniversariantes, enquanto o resto da Comunidade canta os «parabéns para você». Fê-los, 8, no passado dia 5 e, subindo para a respectiva cadeira, no refectório, agradeceu de braços erguidos. Espectáculo admirável. O pior, porém, é que já nos veio solicitar: «Deixa-me fazer anos outra vez!»

● FESTA — Continuam os preparativos e quando este número de O GAIATO estiver entre vós, já os bilhetes estarão à venda nos locais habituais. Não se descuidem, pois não vá suceder que se esgotem ou não sejam aqueles que pretendéis.

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz

PRESENÇA

Cont. da 1.ª pág.

a vida que se leva, persuadidos, talvez, de que a Religião se reduz apenas a alguns actos de culto e ao cumprimento de determinadas obrigações morais.»

— «Não vos amedronte um programa de «superação definitiva» da Religião, pois o futuro da Igreja depende, acima de tudo, de Deus e da nossa correspondência.»

Com uma visão muito realista do passado e do presente, os Bispos concluem em Esperança: «É motivo de Ela a vitalidade da Igreja local, forjada pelos esforços e sofrimentos de uma pleiade de missionários, para os quais vai, mais uma vez, a nossa gratidão». «Olhando para o passado, encontramos falhas humanas, sem dúvida, mas constatamos que o balanço é positivo. As Missões foram centros de irradiação evangélica, de alfabetização e de cultura; centros de promoção humana e profissional; e fundaram-se asilos, creches, hospitais e maternidades. E tudo isto, predominantemente em zonas rurais. O cultivo das línguas nativas, a promoção das instituições locais, os estudos etnográficos e etnológicos... são uma realidade gloriosa do trabalho missionário. Acima de tudo, o missionário trouxe a Revelação Cristã, o anúncio da Boa-Nova aos Pobres, a certeza de que o Deus de nossos Pais está muito mais perto do que nós supúnhamos.»

«Temos em mãos angolanas a herança recebida de Cristo. (...) Defendamos corajosamente a nossa Fé em Cristo, Salvador e Libertador. Velai por que os vossos filhos tenham formação catequética. Procurai a santidade familiar. Cultivai o hábito da oração em comum. (...) Lembremo-nos todos de

que a evangelização não é completa se ela não toma em consideração a conexão íntima entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens.»

«Não há razão para esmorecimentos. Que o sintam todos os obreiros da evangelização. (...) Todos somos chamados a ser fermento e luz na obra ingente de criar um homem novo e construir um mundo melhor com as nossas armas de amor e de paz e não com ódios, vinganças e guerras fratricidas. «Onde haja ódio que o cristão infunda o amor.»

«A terminar, imploramos com toda a nossa Fé as bênçãos de Maria Santíssima, Mãe da Igreja e nossa Esperança.»

* * *

Também nós terminamos este breve debruçar sobre tão importante documento dos Bispos de Angola em hora crucial para o seu Povo.

Como cristãos, é mensagem sempre oportuna para nós: Se cada um, com a graça de Deus e toda a sua alma, se não der à obra de recriar em si o homem novo à imagem da Justiça e Santidade verdadeiras que refulgem em Cristo Jesus, como construir um mundo melhor?

Como portugueses, a reflexão a que esta Pastoral nos estimula, é uma oportunidade de comunhão nos sofrimentos e contradições que afligem um Povo a que estamos unidos por laços difíceis de quebrar.

E agora que, de colonizadores passámos a colonizados, quem sabe se também, de missionários que fomos, não viremos a carecer de missão com que a Igreja de Deus em Angola venha um dia a retribuir o melhor dom que o seu Povo recebeu deste pequenino Portugal?!

Padre Carlos

As nossas Edições

Os livros da nossa Editorial são notícia todos os dias! Desde a simples missiva que os requisita ao diálogo permanente que não tem fim — como a eternidade da alma.

Pois o DOUTRINA continua a fazer das suas! Inquieta. E dá linhas de rumo. Ouçam uma minha conterrânea:

«Agradeço profundamente reconhecida o 2.º volume DOUTRINA. Nem calculam o bem que esse livro me veio fazer! E quero contar, porque as ma-

ravilhas de Deus não se devem calar. Eu conto:

Andava há cerca de dois meses bastante desorientada espiritualmente. Era como se andasse à deriva no mar alto. Isto por causa de umas questões um pouco teológicas, que não vêm para o caso. Eu pedia todos os dias ao Senhor que fizesse luz no meu espírito, para poder saber onde estava a verdade. O Senhor, como sempre, respondeu-me. Fiquei na cama com gripe e logo no

outro dia recebia o DOUTRINA, que não esperava, pois não o tinha pedido. Comecei a ler e nele encontrei a resposta porque tanto ansiava. Vi claramente que só vive plenamente o Evangelho aquele que ama e se dá inteiramente aos que necessitam. Foi para mim uma espécie de retiro, pois estando na cama podia meditar, tendo por pregador esse homem extraordinário, que eu tanto admiro, e se chama Padre Américo.»

Odivelas:

«Segue um vale do correlo, com os meus agradecimentos, por me terem enviado os dois volumes de DOUTRINA. Esperei algum tempo que aparecesse a conta dos mesmos, já que não vieram à cobrança. E só agora reparei que não podia mesmo vir, pois eu não havia pedido a um livreiro uma encomenda qualquer. Eu pedi um Livro que não tem preço!»

É verdade que muitos, por causa (e apesar) da nossa total ausência de mercantilismo, se esquecem de partilhar nas despesas de impressão e expedição das obras que recebem. Só a título de exemplo, saibam os nossos prezados Amigos que a nova tabela de taxas dos CTT passa a onerar com 10\$00 cada livro expedido! Não falando, já, dos substanciais aumentos no papel, tinta, etc., etc.

O recado vem a talhe de foice, sem fugirmos à linha de rumo seguida desde a primeira hora.

Padre Moura

Júlio Mendes

Escola e Família

Já ao fim da tarde, vi, junto da sua casa, o Nunes... Tinha faltado à escola, aproveitando a ida à casa de banho. Nem almoço, nem trabalho. Liberdade!

— Vem cá. Então não estás no estudo?

— Vim fazer um recado...

— De que são essas pintas verdes na cara?

— Estava a abrir uma lata de tinta e uns pingos saltaram...

Fomos saber da lata, em direcção à lixeira. Passámos a lixeira e o Nunes distanciou-se de mim, a passos mais largos, olhou para trás e raspou-se... Que espectáculo único! Dois segundos de desespero e hesitação... e desatou a correr até o apanhar. Gritou de aflito como passarinho que cai do

ninho, e dele já não precisa, mas não sabe ainda voar. Olhou-me com olhos de culpa e arrependimento, mas com a força de não ter lágrimas para enganar...

— Não tens vergonha de me fugir?

— Eu não sabia a tabuada e tive medo...

Então... falámos muito! Da Escola, da Família, dele e de mim.

— Sabes porque é que estou aqui convosco?

— ...

— Sabes porque é que tu estás cá?

— Porque a minha mãe fugiu de casa e nunca mais soube dela...

E ele fugiu de mim! Está tudo dito.

FESTAS DA ZONA CENTRO — Temos a romaria das Festas programada. Cá em Casa todas as horas são de festa, pois os ensaios são seguidos. Os mais pequeninos levam a melhor!

Queró chamar, em especial, a atenção dos amigos de Coimbra. Atenção ao dia 1 de Maio: Festa no Teatro Avenida à tarde e à noite.

Passámos pela maior parte das igrejas da cidade de Coimbra e procurámos ser intérpretes da Palavra de Deus. Em todas as assembleias nos pareceu que havia fome da mesma Palavra e sentimos o carinho do acolhimento. As igrejas enchem-se de famintos da Verdade. Peregrinos na terra a caminho da Casa do Pai. Anímate todos a darmos as mãos, para que a caminhada seja mais suave. Partilhámos no repartir o pão. Trouxemos pão para repartir em Casa.

É também no repartir do pão que muitas vezes encontramos forças que nos arrastam. Forças humanas que nos ajudam a sobrenaturalizar a vida. Vamos saborear este pão que também tem sabor a Pão do Céu.

Aquele jovem que veio da Covilhã com seus Pais entregar o primeiro ordenado. Já há muito nos conhecia. Aquele «punchado de ferroviários da E. Nova» com migalhas do seu pão. Um grupo de senhoras que foi entregar um cheque ao nosso Lar.

Visitas que fiz em Castelo Branco e Covilhã e senti a grande amizade de família que somos. Mãos dadas à porta da Sé de Castelo Branco. Oferta da Escola Prim. de Anaguéis. Um grupo de Cernache juntou batatas, roupas, mimos e 3.225\$, que fomos buscar. Quinhentos que senhora foi levar a nosso Lar. Três mil a pedir nossa oração no altar. 100\$ de Leiria. 3.232\$10 — peditário numa igreja e de crianças — que sacerdote veio trazer. Mil e quinhentos em cheque dum Banco.

Três mil e setecentos pela volta do filho e amor por nós; 2.000\$ levados ao Lar; 500\$ em acção de graças pelas filhas e pelo marido que Deus levou; 3.000\$ deixados na Casa do Castelo. As prestações mensais: cem, mais mil de Maria, mais cinquenta na Casa do Castelo; cem em sufrágio; vários 500\$ que foram levar a nosso Lar; mil em vale da R. da Guiné; as lembranças mensais pela Mãe Ana da Covilhã; 150\$ aos pequenos vendedores na Lousã; 300\$, 250\$, 200\$ em cheque de Lisboa; 3.500\$ da Pampilhosa a pedir nossa oração; os vales mensais de Vilar Formoso; 500\$ em Vale de Santarém; 500\$ de anónima; 500\$ por alma da mãe; 300\$ de visitantes; cem, mais cem na Casa do Castelo; 500\$ por alma da avó Conceição; mil em vale de Pombal; cinquenta na rua; 500\$ em vale de Coimbra; 500\$ nos 75 anos.

Mil em Proença-a-Nova ao nosso vendedor; mil em cheque

de casal francês, agora já na sua pátria, mas que promete não nos esquecer; 2.000\$ de visitantes da Lousã; 500\$ em cheque de Lisboa; envelopes que senhora dos C. T. T. entrega a um dos nossos vendedores; 200\$ em cheque de Pombal; mil em Aveiro; cem por uma graça; mil em cheque, de Coimbra; 500\$ em casa de engenheiro velho amigo; 500\$ em carta de Coimbra; 500\$ de sacerdote da Lousã e o mesmo em S. José; 350\$ em vale de Lisboa; as Amiguitas de há tantos anos; 500\$ na Pereira, do seu ordenado; 300\$ em vale, de Coimbra; mil de sacerdote.

Dois mil de casal visitante; mil de casal visitante de Maceira-Liz; várias ofertas de visitantes; ajudas da Covilhã para as vítimas do temporal;

a carta de S. João do Estoril; a «Anónima» de Miranda; 500\$ da senhora de todas as datas festivas; mil de casal vizinho; amêndoas e 500\$ dum dos nossos; 200\$ em carta de Serpins; 150\$ mais 100\$ pelo sacristão de Santa Cruz; cem, mais duzentos, mais cem na Casa do Castelo; dois mil em cheque de Castelo Branco; 500\$ de promessa de casal vizinho; 500\$, mais 250\$, mais 200\$ de visitantes; 200\$ e a visita dum dos nossos; mil que senhora muito amiga entregou a um dos nossos que muito estima; 500\$ e muitos mimos na minha aldeia.

Logo de manhãzinha um casal muito jovem com filhinhos foi ao nosso Lar levar mil; cem para a biblioteca; 500\$ dum boa Mãe dos nossos estudantes; 700\$ de casal do Coral de S.ta Cruz agora residente em Leiria; 500\$ de Amigo de Lisboa pela Casa de Paço de Sousa; 500\$ de casal português a viver na Austrália.

Por este casal e por todos; nós louvamos o Senhor que nos ensinou a pedir ao Pai o pão de cada dia.

Padre Horácio

Novos Assinantes de O GAIATO

Nos últimos tempos, a **precissão** de novos assinantes de O GAIATO é movimentadíssima. Não temos ideia de tantas inscrições, seja directamente ou por interpostos amigos!

Ela beneficiou do lançamento do segundo volume do livro **DOCTRINA**, mais concretamente dos postais RSF, pelos quais motivámos uma parte de quantos acompanham eventualmente as nossas edições.

«Há muito que tenho pensado fazer-me assinante do vosso jornal. Mas deixo passar... É hoje, é amanhã... e o tempo vai passando» — afirma uma leitora de Lisboa. E acrescenta: «Ao aproximar-se o ano de 1978, gostava de começar a receber periodicamente O GAIATO».

A coluna vai, de facto, recheada de leitores-avulso!

«Tenho, por vezes, comprado O GAIATO. E digo por vezes, derivado a nem sempre o conseguir» — friza outra leitora do sul. «Contudo, já era minha vontade tornar-me assinante, pois assim estarei mais perto de vós, acompanhando a Obra do Padre Américo — que vós continuais.»

As notícias do norte são idênticas. Ouçam Espinho:

«Recebi também um postal que aproveito para me inscrever como assinante, pois costumo comprar O GAIATO mas nem sempre o vejo à venda.»

No entanto, há um ponto que não poderíamos deixar de sublinhar: a divulgação de O GAIATO no seio das famílias portuguesas, particularmente entre as crianças e os jovens.

Ora escutem o assinante 1985:

«Esta assinatura é, especialmente, para o meu netinho. Ele tem quase 7 anos, mas gosta que eu lhe leia O GAIATO, assim como alguns livros. Por isso, faço-o assinante. E peço que rogueis a Deus por ele, para que o faça um homem cheio de fé, esperança e caridade.»

Porto:

«Remeto um cheque cujo importância se destina a uma nova assinatura de O GAIATO, que desejo oferecer a um dos meus filhos, por considerar a sua leitura formativa e altamente benéfica para os meus netos.»

Ainda do Porto:

«O Paulo deu à professora de Monal 50\$00 para os Gaiatos. É aluno do Liceu... Agradecia que lhe enviassem o jornal com nome, pois que é um estímulo para ele e incita outros a ter os mesmos sentimentos de fraternidade e amor.»

Se fôssemos a continuar, havia matéria para mais colunas de O GAIATO. É toda uma **precissão** riquíssima de interesse e amizade pelo jornal e pela Obra da Rua!

Pafs macrocéfalo que somos, quantitativamente Porto e Lisboa vão à frente. A seguir temos um longo desfile de presenças individuais e em grupo, providas de Castelo Branco, Almada, Carviçais, Ermesinde, Lagos, Lousã, Amadora, Reboleira, Queluz, S. Pedro do Estoril, Baguim, Olivais-Sul, Coimbra, Cascais, Loures, Rio de Mouro, Figueira da Foz, Capa-

Porto e Aveiro terão essa sorte.

De resto, a nossa «troupe» dos mais pequenitos, que tão bem se safu no Natal e a primor nos representou na Visita Pascal às três grandes Cadeias do Norte, continuará a sua digressão por meios mais peque-

nos aonde não costumamos ir, mas que são filhos de Deus como os outros e têm provado o seu mérito pela galhardia com que nos têm acolhido.

Atenção, pois, ao cartaz, que as Festas vão começar:

Padre Carlos

ZONA CENTRO

- 23 de Abril — Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO
- 24 » » — Cine-Teatro Messias MEALHADA
- 28 » » — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA
- 29 » » — Casa do Povo de MIRA
- 1 » Maio — Teatro Avenida — COIMBRA
As 15,30 e 21,30 h.
- 8 » » — Teatro-Cine — COVILHÃ
- 9 » » — Cinema Gardunha — FUNDÃO
- 10 » » — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO
- 15 » » — Teatro do Grande Casino Peninsular — FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na TULMAR
- 17 » » — Cine-Teatro de TOMAR
- 21 » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL
- 23 » » — Teatro de ANADIA
- 27 » » — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE

ZONA NORTE

- 4 de Maio — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, R. Clérigos 54 e bilheteiras do Coliseu.
Este ano não haverá «matinée».
- 5 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO

ZONA SUL

- 28 de Maio — Monumental — LISBOA
às 11 h. da manhã
Bilhetes à venda:
Montepio Geral, Rua do Carmo, 62-2.º, Telef. 323001; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Telef. 361406; Maison Louvre, Rossio, 106, Telef. 328619; Ourivesaria 13, Rua da Palma, Telef. 861939; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c D., Telef. 666333.

rica, Fafe, Póvoa de Santo Adrião, Sertã, Damaia de Baixo, Cacia, Leça da Palmeira, Vidago, S. Mamede de Infesta, Pombal, Leiria, Setúbal, Braga, Sesimbra, Guarda, Vila Nova de Gaia, Malveira, Aljustrel, Barreiro, Cadaval, Miranda do Corvo, Nelas, Camarate, Mem Martins (Sintra), Vila do Con-

de, Santarém, Colares, Caramulo, Seia, Alfena (Ermesinde), Azurva (Eixo), Vila Nogueira de Azeitão, Rio Maior, Vila Nova de Foscoa, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Rio Tinto, Vila Boa de Quires e Régua.
Um grande mapa de Portugal!

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa